

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**FORTES, Agostinho José** (Mourão, 1869 – Lisboa, 1940)

Foi o primeiro professor de História da Faculdade de Letras de Lisboa a ter formação superior em Humanidades, tendo sido aluno no Curso Superior de Letras a partir de 1888/89, onde foi aluno de Teófilo Braga e Zófimo Consiglieri Pedroso, figuras marcantes na construção do seu pensamento. Nesses primeiros anos dedicar-se-ia à actividade jornalística, ocupação que manteve durante a sua vida.

Candidatou-se ao concurso de 1904 para o Curso Superior de Letras, ao mesmo tempo que Manuel de Oliveira Ramos, mas perdeu frente ao futuro colega. Com a morte de Consiglieri Pedroso e a transferência daquele para a cadeira de História de Portugal, A. F. foi chamado para ocupar a vaga em História Geral, numa decisão envolta em polémica, com outros candidatos de 1904 a pedirem novo concurso. Em 1911, passou a integrar os quadros da Faculdade de Letras, como professor extraordinário. Aqui seria o professor mais profícuo, leccionando mais de vinte cadeiras em quatro grupos distintos (só não leccionou cadeiras de Filologia Germânica e Geografia), durante os cerca de trinta anos em que foi docente. Seria reconduzido como Secretário da Faculdade (1911-1929), cargo que detivera no Curso Superior de Letras. Chegaria a director da Faculdade de Letras entre 1931 e 1933.

A sua actividade política foi sempre marcada pela luta republicana, sendo vereador durante o primeiro governo autárquico republicano da Câmara Municipal de Lisboa (1908). Também passou a integrar a Maçonaria. Com a República chegaria a senador (1915-1919) e a presidente da Câmara de Oeiras. Em 1919, filiou-se no Partido Socialista Português. Apesar das suas anteriores ligações ao republicanismo e ao socialismo portugueses manteve, após o Estado Novo, o seu lugar na Faculdade e até na sua direcção. Fundou a Escola Agrícola da Paiã, a Escola da Estefânia e a colecção Biblioteca da Educação Nacional, com o intuito de promover junto das populações menos letradas um conhecimento da História de Portugal e da evolução civilizacional do Homem. A sua actividade pública traçou-se pelos projectos de vulgarização e de educação. Fundou o jornal *A Reforma Social* (1910), a Liga Alentejana e o Grémio Alentejano. Traduziu inúmeros livros, como os de Vicente Blasco Ibañez e de diversos pensadores contemporâneos (Le Bon, Nordau, Novicow). Das publicações em que participou destacam-se os *Anais da Academia de Estudos Livres (Universidade Popular)* – da qual foi um dos impulsionadores – *Revista de Assistência*, *Revista Pedagógica* e *A Tutoria*. A partir de 1912, dedicou-se à Universidade Livre em Lisboa, onde viria a realizar várias conferências.

Apresentou-se ao concurso de 1904 para o Curso Superior de Letras com o trabalho *O Helenismo ou a*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*persistência da cultura helénica através da civilização*, onde se denota o seu apreço por temáticas de história clássica e por preocupações de cariz histórico-evolutivo da civilização, não só europeia, mas de toda a bacia do Mediterrâneo, incluindo a cultura árabe. A.F. viria a dedicar-se a temas mais recentes, com uma preocupação de justificação da nova realidade política saída do 5 de Outubro. Defendeu o processo evolutivo da Humanidade, que caminharia para a concretização de uma sociedade mais justa, representada no estabelecimento da democracia republicana. Por conseguinte, apresenta uma narrativa de carácter interventivo e, por vezes pessimista da História de Portugal. Desenvolveria as suas concepções historiográficas sobre a influência da perspectiva republicana e dos ensinamentos de Teófilo Braga, retomando o discurso crítico da historiografia liberal sobre a decadência do país e a propensão republicana para o estudo da história contemporânea. Seguindo a tradicional historiografia liberal e republicana, argumentava que Portugal vivia desde meados do século XVI uma profunda crise que se reflectia nos vários sectores da sociedade e havia provocado o processo de decadência que o país vivia na sua época. Traça as causas que desencadearam a crise do país com o início da Expansão. Esta visão pessimista da história é claramente influenciada pela obra de Oliveira Martins. Além disso, A. F. tem sempre em mente o desacelerar do processo evolutivo para a constituição de uma sociedade melhor, a partir de Quinhentos, num período de reforço do poder real, através da sujeição da nobreza e do controlo dos poderes municipais. Consequentemente, retoma a crítica feita ao Absolutismo, aos Bragança, referindo o período do marquês de Pombal como um interlúdio na decadência do país. Em A. F., o povo é determinante nos acontecimentos maiores da história portuguesa, mas também é visto como o receptáculo das “qualidades primaciais” da Nação, imbuídas de ideais liberais e democráticos e de patriotismo.

O seu pensamento historiográfico caracteriza-se por um difuso eclectismo ideológico, onde se verificam marcas da ideologia republicana, do positivismo, do evolucionismo e do pensamento de Karl Marx, que estruturam uma crítica do passado português e uma perspectiva teleológica dessa mesma história.

**Bibliografia activa:** *O Helenismo ou a persistência da cultura helénica através da civilização*, dissertação apresentada ao concurso para professor da cadeira de História Antiga, Medieval e Moderna do Curso Superior de Letras, Lisboa, Tipografia Casa Portuguesa, 1904; *Alexandre Herculano, breve esboço da sua vida e obras*, Lisboa, Imprensa da Biblioteca de Educação Nacional, 1910; *História das Nações Europeias. Os últimos cem anos. Antecedentes da grande conflagração actual*, Lisboa, Tipografia Francisco Luís Gonçalves, [s.d.]; «A vida do povo português, de 1500 a 1820», capítulo II, *História do Regime Republicano em Portugal* (dir. Luís de Montalvor), vol. I, Lisboa, Tipografia da empresa do Anuário Comercial, 1930, pp. 99-160; *A Revolução de 1820 e a Constituição de 1822*, Lisboa, Tipografia Silvas, 1932; *Hierologia. Ciência das Religiões*, Lisboa, Tipografia Silvas Lda, 1932; *Portugal, factor principal da civilização moderna*, Lisboa, Tipografia Silva Lda., 1933.

**Bibliografia passiva:** AGUILAR, Manuel Busquets de, *O Curso Superior de Letras (1858-1911)*, Lisboa, 1939; ALMEIDA, José Ferreira de, «Doutor Agostinho Fortes», *Revista da Faculdade de Letras*, 1ª série,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tomo VII, nº 1-2, Lisboa, 1940, pp. 397-400; DORES, Hugo Gonçalves, *A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930)*, dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009; MARQUES, A. H. Oliveira, “Notícia Histórica da Faculdade de Letras (1911-1961)”, *Ensaios de Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Palas Editora, 1988, pp.123-198; SERRÃO, Joel, “Historiografia. Na Idade Contemporânea”, *Dicionário da História de Portugal*, vol. IV, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 438-446.

Hugo Dores



APOIOS:

